

RELATÓRIO DE PESQUISA DO GRUPO DE TRABALHO: NOVAS RECONFIGURAÇÕES DO IMAGINÁRIO NO SÉCULO XXI

XVIII SIMPÓSIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
COORDENADORA: TANIA COELHO DOS SANTOS

VICE-COORDENADORA: ANA LYDIA BEZERRA SANTIAGO

JUSTIÇA SOCIAL E CONTEXTOS SUSTENTÁVEIS: a transversalidade e a pesquisa e,
psicologia

SUBGRUPO 1: Contextos sociais atravessados pelos discursos politicamente corretos: justiça social, opressão, desigualdade e políticas de afirmação identitária

Considerando que o campo da pesquisa em psicanálise pressupõe que o laço entre o ser falante e o Outro (cultura, sociedade, gênero, classe, raça) é constituído a partir do inconsciente e da pulsão, o primeiro subgrupo ressaltou que as assimetrias não são adventícias e sim essenciais. A diferença sexual e a diferença geracional são constitutivas das estruturas elementares do parentesco e das trocas simbólicas. No universo simbólico “nada do que se busca é da ordem do que se alcança” mas, paradoxalmente, do ponto de vista da pulsão, “o sujeito é sempre feliz”. A desigualdade estrutural e os paradoxos do desejo e da pulsão nos impelem a abordar a opressão e a injustiça pelo ângulo da experiência subjetiva. Em que pese que o poder, como bem articulou Foucault em sua analítica das relações concretas, não se detém, não é propriedade de nenhum indivíduo, grupo, classe gênero ou raça, o poder se exerce... precisamos diferenciar os discursos que no campo do Outro pretendem eliminá-lo, destruí-lo, dissolvê-lo produzindo como efeito a liberação absoluta (o que é impossível) ou, ao contrário, pretendem produzir efeitos de sujeição, submissão e opressão ou liberação contingente.

Fernanda Queiroz sugere que a noção de “sustentabilidade” vai na contramão do imperativo de gozo da sociedade de consumo, de que “tudo é possível”, de que tudo pode ser reduzido a um valor de troca e passível de ser abordado de maneira utilitarista. A noção de “sustentabilidade” requer a relação a um limite, a um “impossível” que conduz à necessidade de uma formação de compromisso entre o sujeito e o laço social. Somente o pacto civilizatório baseado em direitos e deveres pode conduzir à justiça social. As noções de justiça social, sustentabilidade e transversalidade apontam para uma economia psíquica kantiana fundada na renúncia ao gozo em benefício do soberano bem. Contudo,

paradoxalmente, muitos discursos que reivindicam maior justiça social, ao elidirem a dimensão do “impossível”, acabam por revelar em seu avesso, uma fantasia sadecana de direito ilimitado ao gozo. Como consequência, na tentativa de amenizar a experiência material e subjetiva de opressão, podem acabar por intensificá-la. Os discursos que pretendem que “tudo é possível”, revelam-se agenciados pelo discurso do capitalismo de consumo, podendo fomentar o que pretendem erradicar. A crença de possa existir uma justa adequação entre ‘o que se busca e o que se alcança’, entre um “desejo” e o direito de satisfazê-lo termina por abolir toda e qualquer dissimetria simbólica, em prol de uma equivalência entre os pares. E nesse ponto, a clínica psicanalítica e o psicanalista, poderia contribuir com essa reflexão, ao re-introduzir a dimensão do real como impossível.

Cleyton Andrade adverte que a psicanálise não precisa se tornar uma sociologia, filosofia ou ciência política para fazer uma reflexão sobre o social e o político. Ela pode seguir a indicação deixada por Freud, de que o analista tem algo a oferecer ao sociólogo e ao cientista político acerca de suas reflexões. A clínica pode constituir um saber que não é um complemento ou reparação, mas a introdução do impossível da relação sexual que não existe. Freud, em a Moral sexual cultural e doença nervosa moderna, fala que a renúncia pulsional se dá em função de um laço, de um consentimento, uma coalescência com a Lei. Contudo, aquele cuja constituição é inflexível, e por isso não pode participar da repressão pulsional, permanecerá como criminoso, fora da lei. E continua: "a não ser que por sua posição social e suas excelentes habilidades lhe permitam afirmar-se como grande homem, como herói" (p.73). Por um lado a clínica é um marcador fundamental por trazer algo do singular que insiste como impossível de inscrever no campo social. Por outro lado, o social apresenta configurações imaginárias e de discurso que determinam uma gramática dos possíveis numa experiência, seja ela individual ou coletiva.

O imaginário da igualdade, liberdade e justiça social contemporâneo encontra como limite o pathos mais essencial da condição humana, o desamparo originário. Por esta razão, Tania Coelho sugeriu privilegiar a centralidade do desamparo e a “dependência inevitável de todo sujeito em relação ao Outro da linguagem, da família, da sociedade, da cultura e da política. Prossegue sugerindo uma pergunta: como é que cada um representa essa dependência, numa época em que o Outro (da religião, da tradição e da ciência) perdeu a consistência e pluralizou-se, fragmentando-se numa multiplicidade de referências? Será que podemos afirmar, com Miller (1996) que o Outro não existe? Ressalta ainda algumas respostas subjetivas a essa questão. Alguns acreditam que o desamparo pode ser superado

pelo desenvolvimento de suas potencialidades e ainda apostam na ideia de cidadania. Valorizam a tese de que todo homem nasce livre e igual e não abandonaram o sonho de uma sociedade mais justa por meio da oferta da 'igualdade de oportunidades'. Outros acreditam que o desamparo é insuperável, que a igualdade de oportunidades é um mito meritocrata mentiroso, que somente oculta a reprodução da desigualdade de classe social, de raça ou de gênero. Esta desigualdade é um destino que nos condenaria à perpétua subalternidade.

Auto definição: Sentença ou Habeas Corpus?

O caminhoⁱ para abordar o que existe de mais real nesta diferença de percepção da justiça social é a análise dos afetos dos seres falantes em relação ao Outro. Seja para amá-lo, seja para odiá-lo, seja para ignorá-lo, a existência do Outro simbólico é para cada um, uma dimensão real em jogo no laço social. A adesão apaixonada e crédula (pathos) que a maior parte dos indivíduos dedica à sua relação essencial ao Outro pode encarnar-se numa ideologia, sistema ou partido político. Tania Coelho sugere analisar esse tema em três terrenos. O primeiro deles é o da polarização na política que parece denunciar o afeto apaixonado ou rancoroso pelo Outro de cada um. A nossa ideia de democracia, em tempos de unilateralidade dos discursos progressistas e politicamente corretos, por exemplo, tornou-se inimiga das liberdades individuais. O patrulhamento da liberdade de opinião viola a liberdade de expressão. Estamos vivendo num mundo perigoso. O medo de ter a sua reputação difamada tem levado muitas pessoas a se calarem. O resultado dessa cultura do cancelamento são as surpresas eleitorais que as maiorias silenciadas podem preparar para a *intelligentsia* progressista, globalizada e convencida de que sua opinião é a única opinião possível, a única que é politicamente correta, moralmente justa e religiosamente santificada. O segundo terreno é o do conflito de paradigmas entre diferença sexual e diversidade sexual. Que estatuto tem o Outro no mundo que vivemos? O Outro não existe? O paradigma pós-moderno advoga a tese de que a sexualidade nasce e permanece diversa e sem lei. Muitos filósofos pós-modernos rejeitam o primado da diferença anatômica entre os sexos, a fantasia infantil da castração e a ficção que atribui ao pai a interdição do incesto sejam responsáveis por fundar o desejo inconsciente graças ao recalque da sexualidade autoerótica. O conceito de diversidade sexual revoga o primado dos órgãos genitais na definição sexual dos indivíduos. Consiste em abolir a precedência da natureza sobre a cultura. Revoga também o primado das coordenadas simbólicas instituídas pela civilização e pela a cultura sobre o direito à auto-definição por parte dos indivíduos. Na verdade, institui esse novo paradigma no campo da natureza, da cultura e da linguagem: o direito de auto-definir-se. Supondo que este direito se estenda para

além da orientação sexual e da identidade de gênero, o que mais poderia ser passível de auto-definição? E o terceiro terreno é o da diversidade racial, partindo da seguinte pergunta: morenos, mulatos, pardos, crioulos, cafusos, mamelucos são brancos ou negros? Porque a parte branca de todas as misturas de raças é rejeitada e indivíduos miscigenados começam a se auto-definir unilateralmente como negros? Distinguir raças é um desafio para nossa diversidade miscigenada. Antônio Teixeira ressalta a debilidade mental em jogo no discurso racista.

Fernanda Borges sugere que: afetados pela experiência subjetiva da opressão sexual, os discursos de gênero reivindicam a liberdade de existir fora do campo discursivo tradicional que os precedeu no que tange às relações entre sexo e gênero. Denunciam o aprisionamento do ser falante ao desejo do Outro, sonham com a subversão dessa determinação sem considerar o preço a pagar ao retirar-se do campo do reconhecimento e do laço social. Sabemos que esse sonho é acessível somente àqueles que fizeram a “insondável escolha pela liberdade” – os psicóticos - não é louco quem quer. Quando sujeitos neuróticos, ancorados ao discurso do Outro se engajam em narrativas que desmentem sua sujeição/consentimento, o campo dos impasses reais vividos na esfera da sexuação é deslocado para enredos imaginários construídos com base no par “oprimidos *versus* opressores”, em lugar de permitir a esses sujeitos uma liberdade possível que advenha da simbolização da diferença sexual e da responsabilidade subjetiva. Acreditamos que o enfrentamento efetivo das violências de gênero passa por reintroduzir a dimensão da diferença sexual em sua esfera simbólica, o que implica reconhecer o impossível da auto-determinação. Ou seja, advir como sujeitos livres implica localizar onde estão, não os grilhões, mas as ancoragens de seu desejo no Outro.

Rebeca Espinosa ressalta que o movimento da auto-definição subjetiva, começa na modernidade quando o sujeito passou a acreditar na mestria do eu e em sua potência para se determinar de acordo com as ideologias individualistas (Coelho dos Santos, 2001), vem alcançando seu zênite na pós-modernidade. A desarticulação da ordem simbólica que outrora operacionalizava a subjetivação por meio da Lei, da identificação e do pacto, impede o sujeito contemporâneo de ir além do imaginário inscrevendo seu desejo no campo das trocas simbólicas. Resta aí um sujeito narcísico que tenta construir uma identidade de si consigo mesmo proclamando a auto-definição como um direito a partir da sua condição ilusoriamente livre e onipotente. Os sujeitos, assim, desbussolados, desmapeados, desorientados, se auto-definem escapando ao padrão, paradoxalmente constroem um novo padrão, constituindo um outro grupo identitário que implica a escolha de um Outro, mesmo que mau. Pluralizam-se as

definições, de gênero, sexo, raça, classes, credos, crenças, parcerias amorosas, profissões e até mesmo diagnósticos, em busca de diferença irreduzível mas que também lhes permita inserir-se num novo laço social. Carneiro & Santiago (2019) afirmam que atualmente a liberdade é nossa prisão. Se isso é verdade, a auto-definição é, como acreditam, um *habeas corpus*, ou uma sentença? Ou o *habeas corpus* é também um tipo de sentença. Por fim, em tempos em que tais auto-definições estão sempre às voltas com a construção de um corpo imaginário, que não esqueçamos de que *habeas corpus* real.

Flávia Lana Oliveira recorda que se pode abordar o tema da auto-definição através uma forma de suplência observada pela psiquiatria que é a superidentificação. E justamente este mecanismo pode ser a chave para elucidar o fenômeno contemporâneo da autodefinição. Nos anos de 1950, os psiquiatras alemães Hubertus Tellenbach e Alfred Kraus apreendem os fenômenos de transitivismo mental manifesto de formas mais rígidas a partir das noções de hipernomia, de superidentificação e do que eles denominam como *typus melancholicus*. Kraus (1998) caracteriza a sobreidentificação por dois traços maiores correlacionados entre si: a hipernomia e a intolerância à ambiguidade. A hipernomia torna o sujeito “normopata”. Ele se comporta de maneira excessivamente apropriada às expectativas normativas, se identificando de forma imutável a uma atividade profissional, social, conjugal etc. Tratam-se de identificações maciças, O único deles que foi observado pela psiquiatria é a superidentificação. E justamente este mecanismo pode ser a chave para elucidar o fenômeno contemporâneo da autodefinição. O rigor moral do *typus melancholicus* cede espaço a novas suplências da psicose ordinária que fixam uma sobreidentificação por meio de um inflacionamento do eu que o endurece em uma identificação imaginária autodefinidora, geralmente ligada às novas narrativas que ambicionam a hegemonia no laço social. A hipernomia e a dependência extrema a uma definição de si marcada pela certeza psicótica resultam de uma ausência de bússola do fantasma e da tentativa de compensação por caminhos não-borromeanos.

SUBGRUPO 2 Aliança entre os discurso da ciência e do capitalismo: subjetividade contemporânea, direito à felicidade, doenças da mentalidade, debilidade mental e justiça social

Ao explorar o tema da justiça social, o subgrupo tomou o discurso do capitalista como modo de refletir sobre os impactos da aliança entre o capitalismo e a ciência na subjetividade contemporânea. Duas vertentes se delineiam; as relações do sujeito contemporâneo com o

saber e com o gozo. Cristina Antunes aponta que, na pós-modernidade, evidencia-se um processo de rebaixamento do simbólico (Outro) como constituinte do sujeito e do laço social. Este fenômeno tem relação com a tese que o psicanalista Jacques Lacan apresenta em relação à modernidade. Trata-se do surgimento de um novo direito: o direito à felicidade plena e à satisfação para todos. Esta crença, segundo Coelho dos Santos (2016) se sustenta na rejeição do real como impossível e no desmentido da castração. Na relação do sujeito com o gozo, o imperativo de gozo se instalou de modo consistente. Para além de pleno, o gozo deve existir sempre e imediatamente. Fabio Malcher sublinha que este é um ponto muito importante para se pensar a questão da justiça social a partir da psicanálise. Avança algumas perguntas cruciais. Seria possível produzir uma sociedade em que todos os seus integrantes sejam plenamente satisfeitos? A satisfação plena permitiria supor a existência de alguma justiça social? A existência de sujeitos insatisfeitos é necessariamente índice de injustiça social?

Para Rosa Guedes Lopes, a queda das referências simbólicas alimenta as relações imaginárias, igualitárias e simétricas. No que se refere ao campo das relações entre a psicanálise e a educação, o apagamento das diferenças sexual e geracional, tanto no que se refere à socialização primária quanto à secundária, trazem enormes prejuízos aos processos de escolarização. Cristina Antunes complementa que é cada vez mais intolerável para as mentalidades contemporâneas a dissimetria e a diferença de lugares que o simbólico introduz. Essa intolerância faz crer que o Outro deve ao sujeito, e este se torna o credor da dívida traduzida como direito à felicidade, ao gozo absoluto e constante. Sabemos, desde Freud, que o nome dessa exigência desmedida de gozo é pulsão de morte.

Fábio Malcher lembra que, segundo Lacan, o matema do discurso do capitalista evidencia que o capitalismo promete a forclusão da castração. Em especial porque o objeto *a* se liga direto ao sujeito, sem considerar o impossível e as barreiras da impotência e do recalque. E acrescenta que o matema do discurso capitalista também fornece uma interessante via para abordar a relação do sujeito com o saber. Ressalta a hipótese de que haveria neste discurso uma relação direta entre S1 e S2. Teríamos aqui algo que se aproximaria de uma holófrase? O colapso entre significante e significado engendra uma fixidez que dificulta a produção de novas significações. Em última instância, traria um empobrecimento das possibilidades de reflexões e de diálogo com o outro, pois a debilidade tende a favorecer um engajamento sem questionamento. Ela traz à cena atual o que se pode chamar de “triunfo das opiniões”, refletindo a fragilidade do Outro enquanto portador das referências simbólicas.

Para Antonio Teixeira, isso permitiria pensar sobre como se estrutura a crescente produção de uma certa debilidade mental na subjetividade contemporânea. Se a doença da mentalidade se refere a uma deficiência da linguagem em dar conta do gozo, o próprio simbólico faz o sujeito débil em certa medida. Antônio pergunta se a própria estrutura pulsional em jogo na atualidade é responsável por permitir que o sujeito contemporâneo tenha mais dificuldade para não permanecer débil? A relação com o saber também se articula à temporalidade lógica contemporânea. O tempo para compreender sofre um crescente encurtamento. O sujeito fica ora preso ao instante do olhar, sem passar ao momento de concluir, ora passa irrefletidamente do instante do olhar ao momento de concluir, com pouco ou nenhum tempo para compreender. Isso possui muita afinidade com o imperativo de gozo atual e sua hegemônica associação ao consumo. Um consumidor débil seria um sujeito ideal ao capitalismo contemporâneo? O discurso do capitalista apresenta certo curto-circuito pulsional. Seu circuito burla o impossível, a impotência e o recalque. É uma maquinaria discursiva que, a princípio, operaria de modo ininterrupto, sem ponto de basta, sem escansão. Em última instância, sem tempo para compreender. Nesse sentido, a exigência de satisfação imediata equivale à ausência de pensamento. Neste ponto, Fabio Malcher pergunta : como o analista se posiciona diante de tal quadro? Qual seria o seu lugar e o seu papel? Segundo Antônio Teixeira, o analista tem o desafio de se oferecer como semblante de objeto, mas sem recair no lugar da mercadoria. Nesse sentido, o tempo lógico das sessões sem tempo fixo já seria uma maneira de subverter a lógica capitalista de “time is money”. Sobre este ponto, Fabio Malcher também enfatiza que o funcionamento da análise se opõe à lógica capitalista, pois o sujeito paga, mas não recebe um produto ou um serviço, mas a oportunidade de ser posto em trabalho. Paga para colocar seu inconsciente em trabalho. Ambas as operações esvaziam a relação cliente–prestador de serviço entre analisando e analista.

O subgrupo concluiu que o analista precisa favorecer a interposição de uma escansão nos funcionamentos subjetivos e sociais que se apresentam em curto-circuito. Precisa incluir algo que possa equivocar o colapso entre significante e significado. O favorecimento do tempo de compreender se opõe a uma passagem apressada ou irrefletida ao momento de concluir. Sustentar uma escansão entre o sujeito e a satisfação imediata permite manter a hiância que sustenta o desejo e a constituição da fantasia, em detrimento de uma relação que privilegia o gozo.

SUB GRUPO 3 Psicoses ordinárias e invenção: uma aposta da psicanálise frente à injustiça social

A partir do tema do XVIII Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Científico da ANPEPP, Tânia Coelho nos convidou a interrogar sobre como poderia a psicanálise abordar o tema da Justiça Social de uma maneira diferenciada. O que significa a “injustiça social” no nosso campo e como lidamos com esse sentimento de injustiça e inadequação? Nosso percurso ao longo do GT, nos permitiu concluir que responder à injustiça social e às experiências de opressão com uma aposta na invenção singular parece ser a grande contribuição da psicanálise no campo social contemporâneo. Considerando, a partir da experiência dos pesquisadores, que a clínica da psicose ordinária nos transmite muito sobre o que é a invenção, aprofundamo-nos nesse tema no subgrupo.

Ana Lydia Santiago apresentou suas elaborações sobre a psicose ordinária, chamando atenção para o fato de que esse termo foi uma invenção de Jacques Allain Miller, a partir de seu interesse pelas patologias da mentalidade e os signos discretos que evidenciam tratar-se de uma psicose. Em “De uma questão preliminar a todo tratamento da psicose”, de Lacan, encontramos a expressão “desordem provocada na junção mais íntima no sentimento de vida do sujeito” (p.565). Ele indica essa desordem nas lacunas encontradas por Schreber, em seu trabalho de cura, no momento em que fala do gozo imaginário e excessivo em seu corpo. A pesquisadora lembra que a construção delirante tem sua matéria prima nesse furo difícil de ser bordejado e que se toda ordem simbólica é uma tentativa de fazer borda a ele, todos deliramos. A psicose ordinária estaria atrelada, portanto, a uma generalização do delírio. Mas, o que diferenciaria o delírio de cada um senão a maior ou menor vulnerabilidade para se desarranjar? Nesse sentido, a vulnerabilidade para se desarranjar seria o determinante para um diagnóstico diferencial entre as categorias clínicas. Ana Lydia Santiago pontua que os índices forclusivos, que expressam essa maior vulnerabilidade, podem ser verificados na clínica com crianças e adolescentes nas dificuldades que eles apresentam em ordenar o mundo. Para Miller (2018), as crianças estão às voltas com o que está acontecendo no mundo delas, no tempo delas, o que é diferente do nosso tempo. Com que real elas estão lidando para fazer essa ordenação do mundo delas? Há muito a aprender com as crianças e jovens, especialmente porque nos dão indícios de como o mundo está. E, nesse sentido, algumas questões nos permitem situar sua desordem na junção mais íntima do sentimento de vida: Como o mundo à volta está sendo experimentado? Como o corpo é vivenciado? Como se dá a relação com as próprias ideias?

Uma investigação clínica da psicose ordinária buscaria focalizar os signos discretos que se situam nessa junção íntima do sentimento de vida: desligamentos, experiências de vazio,

bizarrias, usos particulares da linguagem, alterações no pensamento, reações de angústia que surgem de alguns acontecimentos de corpo, desinserção social, desinserção escolar, entre outros. É possível constatar que esses índices de ruptura de gozo se traduzem nos termos de uma foracalusão generalizada, ou seja, falta o significante que permitiria significar o gozo para o ser falante. E, nesse sentido é importante abordar uma prática lacaniana possível com as expressões ordinárias dessas rupturas na clínica contemporânea. Na psicose ordinária, o tratamento analítico se orienta pelo real. O desejo do analista visa o inconsciente e o psicanalista se faz de instrumento. Poderia essa desordem da fragmentação do campo simbólico ser generalizada na contemporaneidade?, questionou Tânia Coelho, interrogando se a ameaça ao sentimento de vida pode ser tomada como um índice generalizado que justifique tantas queixas de opressão?

Para Ana Lydia Santiago, podemos identificar sujeitos traumatizados pelo saber do Outro, pelo desejo do Outro e pelo gozo do Outro. E, nesse panorama, saber, desejo e gozo adquirem valor de real. Ela indicou que generalizar essa desordem não nos conduziria a considerar todos como psicóticos, mas observar quando um desses três tem valor muito real para o sujeito. A função do analista não é a de conduzir o tratamento como líder, chefe, ou alguém que vai ordenar e organizar o mundo para o sujeito, como muitos discursos, instituições e grupos identitários tendem a fazer. O analista conduz esses sujeitos traumatizados para o Outro que não existe, o que Tânia Coelho ressaltou, indicando que isso seria um modo de fazer justiça atentos a essa desordem, sem uma solução pronta, um discurso ou uma bandeira para oferecer.

Ana Lydia ressaltou que diante do Outro que não existe, o sujeito tem que inventar alguma coisa, lançando mão dos semblantes. Alinne Nogueira destacou esse ponto, indicando que a psicose ordinária aponta para a dimensão da singularidade e da invenção de cada um, o que difere do discurso do para-todos. Nesse sentido, temos aí o tom do que é específico da psicanálise: a possibilidade de invenção em relação ao gozo. Qual é a resposta da psicanálise a esses sujeitos traumatizados na junção mais íntima do sentimento de vida? Como isso se relacionada à justiça nos diferentes campos onde se apreende a clínica do sujeito traumatizado, afetado, ameaçado no sentimento da vida. Que respostas a psicanálise pode trazer, abordando o imaginário pela via da invenção singular? Ao levantar tais questões, Tânia Coelho reforçou a ideia de que a psicose ordinária é uma ferramenta para pensar sobre a justiça social.

Virgínia Carvalho recuperou a afirmação lacaniana de que (1980) “trauma, não há outro: o homem nasce mal-entendido” (p. 61), para lembrar que interessa à psicanálise localizar os efeitos desse traumático choque do significante sobre o corpo do ser falante, bem como suas estratégias para lidar com ele. Na psicose, tal dimensão traumática fica mais explícita, como podemos ver nos fenômenos elementares e até mesmo nos signos discretos que denotam a desordem no sentimento de vida. Ao comentar sobre as “falas impostas” relatadas pelo paciente que acreditava que todo mundo era avisado de suas reflexões através da televisão, o caso do “telepata emissor”, Lacan (1975-1976/2007) questiona-se sobre “por que um homem dito normal não percebe que a fala é um parasita, que a fala é uma excrescência, que a fala é a forma de câncer pela qual o ser humano é afligido” (p. 92). Joyce, em sua maneira de dissolver a linguagem, quebrando-a e modificando-a até apagar sua identidade fonatória (Mandil, 2003) mostra como ele se serve de uma invenção para tratar esse aspecto de imposição das palavras.

A invenção psicótica muito tem a transmitir sobre a possibilidade de um saber-fazer com o traumatismo – ressaltou Virgínia Carvalho, lembrando uma passagem de Miller (2003) que opõe a invenção à descoberta, aproximando a primeira da bricolagem. Se a criação é feita “do nada”, a invenção se faz através de materiais já existentes, algo que já existe, mas ganha um uso singular.

A invenção leva em conta as soluções encontradas onde aparece a dimensão do real, como lembrou Tânia Coelho. Isso é diferente do que ocorre com muitos grupos ideológicos que acabam reificando uma resposta homogeneizada e rígida. Para Bernardo Carneiro, a proposição da ideia da psicose ordinária já tem um impacto sobre a noção de justiça social, demonstrando uma resposta diferente da psicanálise. A luta antimanicomial se esforçou por discutir o lugar do louco na sociedade, a psicanálise dá um passo à frente, com Lacan, ao se interessar pela loucura que está presente em todo mundo. Ao dizer que todo mundo é louco, não se trata de pensar o lugar do louco na sociedade, mas considerar a loucura de cada um. Levar em conta o modo como se lida com a loucura de cada um modifica a perspectiva da ideia de justiça social.

Ele destaca que a tentativa de generalização a partir da psicose ordinária implica em levar em conta a foraclusão da função fálica e essa é uma dimensão muito presente nas relações amorosas, que demonstram uma certa mudança de perspectiva da questão sexual no mundo atual. A questão da foraclusão do falo na psicose ordinária e a discussão sobre o novo

imaginário não nos serviriam como uma base de leitura para o fenômeno do impasse na vertente da parceria amorosa?, questionou o pesquisador. Bernardo Carneiro indicou uma mudança de paradigma importante na maneira como se aborda a sexualidade. Atualmente, as questões sobre a identidade de gênero trazem para o primeiro plano a relação do sujeito com seu próprio corpo, colocando a transexualidade no centro do debate. Na década de 60, o paradigma era a homossexualidade, o objeto amoroso. Isso demonstra um impasse na vertente do amor e do falo como mediador, apontando para soluções fora da parceria do sujeito com o outro.

A autodefinição acaba por se constituir em uma relação opositiva não dialética sem mediação do falo, único lugar em que o sujeito se encontra em paz, lembrou Tânia Coelho. Na contemporaneidade, há uma ideia de política sem essa mediação, que é considerada opressão fálica. Mas, a pesquisadora argumentou que o falo deveria ser chamado a fazer mediação, pois desigualdade sem o falo é pura violência. Ela acredita que quando a tradição e o saber não podem fazer mediação, a violência está sempre rondando, como uma ameaça ao sentimento de vida.

Alinne Nogueira indicou que com a pesquisa “Os diferentes usos do corpo – o que a clínica com pacientes trans nos transmite?” avançamos no questionamento das saídas singulares eleitas pelos sujeitos diante dos impasses frente a uma nomeação diante da diferença sexual. Atravessando os discursos identitários que visam muitas vezes a adequação de todos e o que vale para todos, a psicanálise resgata o que há de estrangeiro em cada um de nós, problematizando a sujeição aos pequenos outros e ao Outro da cultura na nomeação de um corpo, e assim sustenta uma posição que é política. A pesquisadora acredita que testemunhar quem somos com nossas palavras é um ato fundamental de resistência, e que esse é um lugar que cabe também à psicanálise sustentar no diálogo com a psicologia. Debruçamo-nos sobre os efeitos, as consequências e os limites do seguinte apontamento efetuado por Lacan - “[...] o ser sexual só se autoriza por si mesmo e por alguns outros” (Lacan, 1974, p. 187) e que serve de guia para essa pesquisa. Não sem efeitos, essa afirmação nos faz pensar nos limites e nas possibilidades para um sujeito se nomear em relação ao sexual, além das formas como o corpo participa desse processo. Se Lacan partiu do universal - por exemplo, o homem, a mulher etc. — ele chega ao singular,— um homem, uma mulher, uma solução, um sintoma, um nome, destacando a queda do Outro e a presença do Um na atualidade.

Douglas Nunes afirmou que quando interrogamos no projeto de pesquisa desse GT, “as reconfigurações do narcisismo (eu-ideal), ou seja, como é que na atualidade os corpos falantes (fragmentados pela pulsão) efetuam a nova ação psíquica que engendraria o imaginário do narcisismo sem a função simbólica do Nome-do-Pai (Ideal-do-eu) como horizonte simbólico”, verificamos que de fato a pluralização dos Nomes-do-Pai, correlata à ascensão do objeto a ao comando da civilização e ao declínio do mecanismo psíquico do recalque da sexualidade, acabou por instalar a hegemonia das formações reativas na constituição do caráter e apontam que, em lugar do supereu, a moral de grupo (tribalismo) se impôs como novo modo de regular os corpos falantes, uma espécie de supersocial. As soluções identitárias foram um ponto de partida que se desdobrou na investigação acerca dos casos limítrofes, nomeados como borderlines, nos levando neste biênio à pesquisa sobre psicose ordinária e laço social. Verificamos a pertinência destes conceitos na contemporaneidade, especialmente no que tange à estabilização psíquica, tendo como horizonte a diferença apontada por Lacan no seu último ensino entre as soluções borromeanas e as soluções não-borromeanas.

Aline Mendes, na pesquisa de pós-doutorado que está desenvolvendo sobre as urgências subjetivas de estudantes universitários em parceria com o BAPU-Rennes, apresentou como questão, se trabalhar com a psicose ordinária como campo de investigação possibilitaria orientar a prática psicanalítica. Não no sentido apenas da proposição de um diagnóstico de “psicose ordinária” para os casos, mas de uma orientação de trabalho com os estudantes que tem acolhido. Nessa perspectiva, ressalta que os casos atendidos e tantos outros têm nos ensinado, como afirma Isabelle Rialet-Meneux¹ em seu texto, que muitos jovens de nosso tempo, desabonados do inconsciente, tentam com maior dificuldade se sustentar com o que o discurso contemporâneo lhes oferece, em particular, para se fazer corpo imaginariamente mais consistente. De fato, a universidade parece reatualizar questões que tocam o Real, promove rearranjos que desarticulam ou fazem isso ficar mais pungente. Principalmente nesse momento do encontro com a queda do nome do pai. Sophie Maleval² indica que as psicoses ordinárias são correlatos da época que o Outro não existe e testemunham novos arranjos possíveis para esses sujeitos.

Bruna Albuquerque trouxe alguns fragmentos clínicos que evidenciam essa dimensão, assim como a ideia de que as crianças e os adolescentes ensinam o que está em jogo nos discursos atuais. Ela também destacou o texto de Miller sobre a psicose ordinária, lembrando

¹ Isabelle Rialet-Meneux. Texte: Un collage surréaliste

² Maleval, S. A junção mais íntima do sentimento de vida. In Opção Lacaniana. 2017. Ano. 8. No. 23

que ele coloca a psicose ordinária como uma invenção que visa driblar uma clínica binária, mas, importante destacar, não sem o rigor e a precisão clínica da psicanálise. Apontou que a ideia de estarmos atentos a uma desordem na forma de experimentar o mundo, o corpo e a relação com o outro, pode orientar justamente a relação da psicanálise com a concepção de justiça social que tentamos delimitar no GT.

Esses três pontos, a maneira como cada sujeito experimenta de modo radicalmente singular o mundo, o corpo e o laço com o outro se constituem como o que escapa à identificação e ao coletivo. Assim, na clínica psicanalítica, recolhemos o que escapa à regulação dos discursos atuais. Bruna Albuquerque conclui, portanto, que a justiça social estaria para a psicanálise nesse lugar de recolher o que escapa, atento à essas três dimensões. Uma das facetas fundamentais para se pensar a dimensão do racismo por exemplo, seria a de escutar para cada um, como é a experiência singular com os episódios de racismo cotidianos, como trabalha Grada Kilomba (2019). A partir de diversas práticas, experiências clínicas e de pesquisa trazidos no GT, podemos concluir que no que concerne ao tema da justiça social, é importante dar lugar às experiências subjetivas de opressão, levando em conta a invenção de cada um para lidar com seu mal-estar. Caso contrário, há um grande risco de os profissionais e pesquisadores se fazerem como instrumento de mais segregação.

ⁱ Coelho dos Santos, T. Projeto de Pesquisa Bolsa de Produtividade em Pesquisa CNPq 2018/2022 Os afetos e a dimensão real da relação com o Outro

PRODUÇÃO CONJUNTA GT 2018-2020

LIVRO: RECONFIGURAÇÕES DO IMAGINÁRIO NO SÉCULO XXI: PROJETO DE PESQUISA NA ANPEPP (EDITORA CRV, CURTIBA 2019)

ORGANIZADORES: TANIA COELHO DOS SANTOS, ANA LYDIA SANTIAGO, FLAVIA LANA GARCIA DE OLIVEIRA

PARTE I O OUTRO E OS LAÇOS SOCIAIS

O QUE É E ONDE COMEÇA A PÓS-MODERNIDADE? TANIA COELHO DOS SANTOS

LOST IN FAKE NEWS, ANTONIO MÁRCIO RIBEIRO TEIXEIRA

O ENIGMA DA FALTA DE RESPEITO NA ESCOLA: o insulto e o que surpreende ao falar
BRUNA SIMÕES DE ALBUQUERQUE

OS JOVENS E OS MOVIMENTOS DE RESISTÊNCIA, BERNARDO MICHERIF CARNEIRO E ANA LYDIA SANTIAGO

O USO DE APLICATIVOS NO DISPOSITIVO ANALÍTICO: um obstáculo ao tratamento? ROSA GUEDES LOPES

PARTE II NOVAS SUBJETIVIDADES: PSICOPATOLOGIA OU INVENÇÃO

EU SOU UM OUTRO: o descompasso entre o eu e o corpo que a transexualidade coloca em cena
ALINNE NOGUEIRA SILVA COPPUS

DO SENTIDO DA FANTASIA À FANTASIA COMO MATÉRIA DA POESIA VIRGÍNIA CÉLIA CARVALHO DA SILVA, GILSON DE PAULO MOREIRA IANNINI, JÉSUS SANTIAGO

INSÍGNIAS IDENTITÁRIAS E PSICOPATOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS, FLAVIA LANA GARCIA DE OLIVEIRA

NOS LIMITES DAS ESTRUTURAS: novas configurações do imaginário e os *borderlines*
DOUGLAS NUNES ABREU

PARTE III FEMININO E FEMINISMOS

O IDEAL DE IGUALDADE NA PÓS-MODERNIDADE: liberdade democrática ou direito ao gozo?
FERNANDA OLIVEIRA QUEIROZ DE PAULA

FEMINISMO NEGRO – DO LIXO À LETRA CLEYTON ANDRADE

O MAL-ESTAR FEMININO NA CONTEMPORANEIDADE: o que querem as mulheres? MARIA
CRISTINA DA CUNHA ANTUNES

EDITORIAÇÃO Tania Coelho dos Santos, Rosa Guedes Lopes e Flávia Lana Oliveira aSEPHallus
REVISTA DE ORIENTAÇÃO LACANIANA NUMERO 28

Artigos de membros do GT no numero 28 de aSEPHallus, (mai. 2019 a out. 2019).

Bruna Simões de Albuquerque, Lisley Braun e Ana Lydia Santiago “Uma Conversação com os melhores alunos: do sintoma como modo de funcionamento ao mais além da segregação”.

Benardo Micherif Carneiro e Ana Lydia Bezerra Santiago “Mais uma vez, o soberano!: leitura psicanalítica da teoria do estado de exceção”

Ana Lydia Bezerra Santiago, Cristiane de Freitas Cunha Grillo e Izabela de Freitas Cunha Lins Albuquerque Os adolescentes, as escolas e os impasses: um recorte da clínica no “Janela da Escuta”.

Itapary Ribeiro Moraes, M. & Coelho dos Santos, T. Psicanálise aplicada à instituição: a prática clínica no hospital geral.

Artigo em co-autoria publicado: “Psicanálise aplicada com profissionais em uma instituição hospitalar, os afetos e a dimensão real do Outro”, pela Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar (Belo Horizonte), v. 22, p. 156-173, 2019. Na autoria participam Tania Coelho dos Santos e Flavia Lana Garcia de Oliveira, além de outras duas autoras que não são integrantes do GT.

Defesa da Tese de Bruna Simões de Albuquerque. Título: "Do Furo à entrada no túnel: reviravolta da linguagem e da sexualidade na adolescência" no Programa de Pós-graduação Conhecimento e Inclusão Social em Educação, FaE/UFMG, com orientação de Ana Lydia Santiago, em 28 de agosto de 2019.

Artigo em co-autoria publicado: CARVALHO, V. ; ALBUQUERQUE, B. S. ; SANTIAGO, A. L. . PARA ALÉM DO ENCANTO PELAS PALAVRAS, A INDISCIPLINA DOS PROFESSORES. Almanaque On-line, v. 22, p. 1-5, 2019.

Artigo aceito para publicação em 2020. Flavia Lana Garcia de Oliveira e Tania Coelho dos Santos. O declínio da lógica do todo, a pós-modernidade e a clínica contemporânea. Interação em Psicologia (Online).

Artigo aceito para publicação em 2020 Tania Coelho dos Santos, Catarina Coelho dos Santos e Flávia Lana Garcia de Oliveira DIFERENÇA E DIVERSIDADE SEXUAL: na psicanálise, no Direito e nos costumes. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental

BANCAS

Defesa da dissertação de Rebeca Espinosa C. Amaral. Título: "Onde o amor toca o real: Idealização, impossível e invenção em um estudo sobre o(s) amor(es) na psicanálise" no Mestrado em Teoria Psicanalítica da UFRJ, com orientação de Carlos Alberto Ribeiro Costa e banca composta por Tania Coelho dos Santos. Fevereiro de 2020.

Cleyton Andrade e Antônio Teixeira participaram da banca do Exame de Qualificação de mestrado de Walef Batista Pereira – “A ética psicanalítica do bem-dizer na Psicanálise aplicada”. UFMG – 2019

Cleyton Andrade e Antônio Teixeira participaram da banca de Defesa de tese de doutorado de Amâncio Borges de Medeiros - “Por um conceito clínico de diagnóstico de discurso”. UFMG - 2019

Ana Lydia Santiago (orientadora) presidiu a banca de defesa de Tese de Doutorado de Bruna Simões de Albuquerque. Título: "Do Furo à entrada no túnel: reviravolta da linguagem e da sexualidade na adolescência" no Programa de Pós-graduação Conhecimento e Inclusão Social em Educação, FaE/UFMG, com orientação de Ana Lydia Santiago, em 28 de agosto de 2019.

Ana Lydia Santiago e Antônio Teixeira participaram da banca de defesa da Tese de Virgínia Célia Carvalho da Silva cujo título é “A lógica da fantasia e mais além" no Programa de Pós-graduação em Psicologia, FAFICH/UFMG. A tese teve a orientação de Gilson Iannini e Jesús Santiago. Data da defesa: 19/02/2020.

Tania Coelho dos Santos e Fábio Malcher Banca de exame de Qualificação de Márcia Infante (doutorado) PSICANÁLISE, CARTOGRAFIA E PARADOXO: Contribuições das primeiras psicanalistas na direção da cura 2019

ORGANIZAÇÃO OU PARTICIPAÇÃO CONJUNTA EM MESAS REDONDAS, SIMPÓSIOS, CONGRESSOS E CURSOS MINISTRADOS

Apresentação do trabalho “O que se perde e o que se ganha com as análises remotas?”, por Rebeca Espinosa C. Amaral, no “XI Simpósio do ISEPOL - Em que mundo estamos? Nada é tão ruim que não possa piorar”, em 2020. Organizado por Tania Coelho dos Santos.

Participação/palestras para a "Liga Acadêmica de Saúde Mental - LASM" da Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde de Juiz de Fora – SUPREMA, em 2020. Fernanda Oliveira Queiroz de Paula e Douglas Nunes Abreu

Tania Coelho dos Santos e Rosa Guedes Lopes organização do IX Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental 2020

Tania Coelho dos Santos e Rosa Guedes Lopes organização do XV Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental 2020

Curso de extensão “Transtornos alimentares em psicanálise: Do que se trata?”, ministrado no SEPAI – Pós-Graduação em Psicanálise. Ministrado por Maria Cristina da Cunha Antunes e Flavia Lana Garcia de Oliveira em 2020.

Mesa no XIV Simpósio do programa de Pós-Graduação em Psicanálise da UERJ, "As paixões do ser no laço social", em dezembro de 2019. Título: "A dimensão do afeto na clínica psicanalítica". Rebeca Espinosa C. Amaral apresentou o trabalho "O amor da ilusão à invenção". Douglas Nunes Abreu apresentou o trabalho "A clínica e suas parcerias". Flavia Lana Garcia de Oliveira coordenou e apresentou o trabalho "A pós-modernidade e as psicopatologias do rancor".

Apresentação do trabalho “Você considera continuar a atender virtualmente alguns, muitos ou todos os seus pacientes depois da pandemia?”, por Flavia Lana Garcia de Oliveira, no “XI Simpósio do ISEPOL - Em que mundo estamos? Nada é tão ruim que não possa piorar”, em 2020. Organizado por Tania Coelho dos Santos.

Participação de banca de dissertação de mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ, em junho de 2020. Coorientação: Fabio Malcher. Examinadora interna: Flavia Lana Garcia de Oliveira.

Aluna: Eduarda Puccini Corrêa da Costa. Título: Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e clínica. 2020.

Participação X Simpósio do ISEPOL.- “A psicopatologia da vida cotidiana: sonhos, lapsos e atos falhos”, em 2019. Tania Coelho dos Santos (Organização), Fernanda Oliveira Queiroz de Paula, Flavia Lana de Oliveira e Douglas Nunes Abreu (Participantes com apresentação de trabalho).

Mesa no Simpósio Conjunto do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e o Grupo de Trabalho Psicanálise e Clínica Ampliada da ANPEPP, em 2019. Título da mesa: “Os fundamentos psicanalíticos e sua importância para as práticas no campo da saúde”.

Flavia Lana Garcia de Oliveira, com o trabalho “Observações sobre a psicanálise aplicada na abordagem multidisciplinar de transtornos alimentares” e Fernanda Borges “Constituição e Sexuação: não é sem corpo que um sujeito advém”.

Participação em Noites do CIEN Minas "AS DIFERENÇAS"; Mesa redonda sobre o tema “Aqueles que trabalham com crianças e adolescentes: Como lidar com o infamiliar da sexualidade? Virginia Carvalho (laboratório Docentes doentes), Ana Lydia Santiago e Raquel Martins de Assis (Laboratório Enigma e saber). Em 11/11/2020.

Participação no relatório sobre "Amores fluidos", atividade da XXIV Jornada da Escola Brasileira de Psicanálise - Minas Gerais, 2020 Fora de série, intitulada "Mutações no laço social – o novo nas parcerias. Ana Lydia Santiago, Bernardo M. Carneiro e Virginia Carvalho (entre outros).

Mesa "Desafios Clínicos Contemporâneos" na VI Jornada Clínica do SEPAI - Do sexo à sexualidade: O enigma da felicidade, na Universidade Cândido Mendes - Rio de Janeiro/RJ, em agosto de 2019. Fabio Malcher na coordenação e apresentando o trabalho "Reflexões sobre os efeitos de Segregação na Contemporaneidade", Flavia Lana Garcia de Oliveira apresentando o trabalho "As anorexias e os Desafios da Clínica Psicanalítica com as Neuroses Contemporâneas".

